

«O ENSINO DA GEOGRAFIA E A ESTRUTURAÇÃO GERAL DO ENSINO» (BREVES CONSIDERAÇÕES)

por Rosa Fernanda Moreira da Silva

INTRODUÇÃO

O tema pareceu-me de primordial interesse, pois existe a necessidade em alertar os jovens e as entidades responsáveis para a urgência de se criar uma Estrutura Geral do Ensino que apresente não só uma profunda coordenação entre os diferentes graus de ensino mas também, ofereça a nível do ensino Superior a bipolarização: RAMO CIENTIFICO E PEDAGÓGICO.

Compreende-se, todavia, que não cabe no limitado âmbito deste artigo a elaboração de um trabalho de tal monta. Motivo, pelo qual, decidi dar especial relevo ao ENSINO SECUNDÁRIO pois, não só é o grau de ensino que permite o acesso ao ensino Superior, mas também é considerado o local de colocação da maioria, senão da totalidade, dos licenciados em Geografia.



É verdadeiramente notável o progresso verificado em todos os sectores da vida humana. É comum dizer-se que há aproximadamente um século a nossa sociedade transformou-se, com as descobertas científicas e com a evolução crescente dos progressos técnicos. O adulto de hoje tem dificuldades em conhecer o fosso cavado entre a sua maneira de interpretar o mundo e a dos seus filhos. Estes vivem numa época «em que a realidade ultrapassa a ficção». A criança de 10 anos fala de foguetões cosmos, átomo, etc. enquanto a criança de há 50 anos falava de aviões, máquina a vapor. . . Não é de admirar, pois, que a criança se mostre exigente e espere dos pais e professores elementos que lhe permitam compreender melhor o mundo que a rodeia.

Porém, observa-se com grande espanto que as técnicas de ensino parecem não acompanhar o ritmo de progresso que caracteriza o mundo contemporâneo.

Certos educadores admiram-se da falta de interesse dos estudantes ante os estudos clássicos tradicionais, queixam-se da sua falta de cultura. Alarma-me que esses professores tradicionalistas não se tenham apercebido das profundas transformações, que marcaram a humanidade contemporânea e revolucionaram a concepção do mundo.

Diz Jean Fourastié:

«O mundo contemporâneo atravessa um período transitório, profundamente desmoralizante para o homem, porque faz surgir como caducas as tradições dos antepassados, sem apresentar uma estabilidade nova, capaz de impôr novas regras de vida».

É este mundo que o jovem de hoje quer compreender.

O passado interessa-o, tanto mais quanto melhor tiver provado a sua presença activa na história contemporânea.

Assim, as camadas sociais médias e modestas são conduzidas a participar cada vez mais neste consumo de mais alto nível.

As exigências em matéria de ensino crescem paralelamente à elevação do nível de vida e são, muito mais que o factor demográfico, responsáveis pela «Explosão Escolar» (1) destes últimos 20 anos.

Compreende-se que em Portugal o período de escolaridade obrigatória não baste para assegurar o futuro dessa juventude.

O ensino Unificado, de seis anos, aberto a todas as crianças portuguesas, não satisfaz.

Os movimentos de democratização da educação têm contribuído para que o «ensino Secundário», tradicionalmente das elites, começasse a abrir-se, de modo que, de ano para ano, apesar de todas as restrições, aumenta o número de matriculas neste grau de ensino. Se, por um lado, a abolição do «liceu» foi uma resolução positiva, por outro lado, parece-me não ter existido um estudo profundo e cuidado na elaboração dos planos de estudo das actuais «escolas Secundárias». Pois, até ao ano lectivo 1981/1982, estas escolas têm tido um objectivo exclusivo — preparar os jovens para o ingresso no «ensino Superior».

Sem a preocupação de realizar uma leitura crítica de dados estatísticos, é do conhecimento geral, que, somente, 30⁰/0 dos alunos matriculados no 7^o ano conseguem entrar no «ensino Superior». Ora, uma questão se formula de imediato: «Qual a formação e respectivas aptidões profissionais que a «escola Secundária» oferece aos restantes 70⁰/0 dos jovens?»

Resta-me esclarecer que, na elaboração deste texto, a fim de evitar os perigos de uma apreciação apenas parcial e desenquadrada do assunto, resolvi dividi-lo em duas partes: a primeira inclui uma breve introdução histórica, a segunda, a fundamental, refere-se ao tema «a função da escola Secundária numa estrutura geral do ensino».

I P A R T E

DIVERSIFICAÇÃO PROGRESSIVA DA ESTRUTURA GERAL DO ENSINO

No decurso dos séculos, a preocupação de promover os assuntos mais dotados, com diferenciação social, animou não só os educadores, mas também os chefes da sociedade.

Assim, no segundo decénio inicial do século XVIII, surgiram as primeiras atitudes que reprovaram por completo os tradicionais «Estudos Menores».

Estes estudos não apresentavam carácter próprio, nem difundiam uma cultura própria.

Surgiu a necessidade de criar um ensino, que pudesse modificar o aspecto cultural da maioria dos cidadãos. Todavia, as opiniões eram inúmeras: só o esforço super-humano e contínuo de alguns homens de boa-vontade conseguiu vencer a onda de oposições. Entre os grandes reformadores, destacaram-se Verney, Ribeiro Sanches, Pombal, Passos Manuel e José Alexandre de Campos. Contudo, deve-se a Passos Manuel a organização do ensino secundário, tendo por base a publicação de diplomas notáveis, entre os quais o decreto de 17 de Novembro de 1836.

Nesse decreto preceituava-se que o ensino secundário seria concentrado em escolas denominadas — LICEUS —, a instalar em todas as sedes de distritos.

A criação dos liceus é, na organização de Passos Manuel, «a primeira janela que largamente se abre para o que se chamou Humanidade Moderna».

Foi o primeiro reconhecimento oficial, que ofereceu ao cidadão as possibilidades de uma preparação cultural que pudesse corresponder às exigências futuras do seu mundo.

(1) Luís Cros.

Esta orientação cultural procurava rodear o indivíduo de elementos mais ricos que o valorizassem, de modo a não se poder sentir um ser perdido no meio da natureza, da sociedade do seu tempo.

Desde 1836, os legisladores têm reformado o nosso ensino, edificando estruturas gerais que possam corresponder às contínuas e progressivas evoluções da humanidade.

No actual decénio, o incremento cultural tenta corresponder e satisfazer os seguintes aspectos:

I — Diminuição de cargos profissionais sem qualificação em proveito dos empregos qualificados.

II — Modificação radical da distribuição das ambições, como resultado do acesso a todos os meios populares de informação e de uma tomada de consciência da incidência da educação no nível de emprego e nível de vida.

Perante esta situação, a repartição das qualificações ajusta-se perfeitamente com a dos talentos, mas não vemos aparecer um desacordo profundo entre a repartição das qualificações e das ambições.

Há necessidade, portanto, de associar ao sistema educacional um conjunto de meios de informação e de orientação que, conjugados com as articulações convenientes dos sucessivos ciclos de ensino, permitam o jogo de auto-regulação, isto é, de aceleração para que todo o indivíduo seja o mais feliz e o mais qualificado.

Graças à qual será estabelecida uma aplicação sem traumatismo da distribuição global das ambições sobre as qualificações.

A democratização do ensino admito, pois, que a criança dotada de uma família pobre, possa receber as mesmas facilidades de promoção que a criança igualmente dotada, de uma família de elevado nível económico.

O sistema escolar deve conciliar todos os seus objectivos em relação às exigências crescentes da qualidade, libertando-se das pressões que tendem a afrouxar as alterações pedagógicas e sociais. Tornam-se sensíveis duas tendências: uma consiste em subordinar o interesse do jovem às vantagens e às ideologias dos adultos; a outra considera que as famílias tradicionalmente ou modernamente ambiciosas não aceitam a ideia da orientação porque decidiram que os seus filhos, mesmo pouco dotados, devem ascender às funções dos «quadros superiores» e frequentar a universidade,

Ora, o ajustamento de um sistema educativo aos novos dados da aceleração científica e técnica e da integração sociológica não pode ser realizado sem uma vista sintética do conjunto. A educação deve preparar convenientemente todo o cidadão de modo a corresponder às responsabilidades da sociedade.

A actual estrutura geral do ensino em Portugal não satisfaz as exigências que acabei de referir. Contudo, toda a reforma do ensino pode ser comparada ao problema da restauração de uma ponte sobre a qual a circulação nunca deve ser interrompida. Entre o estado inicial e o final, haverá necessariamente um certo número de fases intermediárias.

II PARTE

«A FUNÇÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA NUMA ESTRUTURA GERAL DO ENSINO»

Assim como nas paisagens humanizadas as pontes são vias de união entre elementos da morfologia terrestre, também na actual estrutura geral do ensino a «escola Secundária» é considerada a única «ponte cultural», cujas extremidades assentam no tronco comum e no ensino Superior. É, portanto, a única instituição escolar que permite o acesso directo ao mais elevado grau de cultura.

A «escola Secundária» oferece ao jovem um curso Geral e um Complementar. Este último constitui a via privilegiada de acesso aos estudos universitários, a que se aspira, geralmente, para conservar um estatuto social prestigioso, ou ser promovido a ele. Aspira-se bem compreensível se atendermos nas acentuadas clivagens das nossas estruturas sociais.

Contudo, os planeadores não conseguiram criar uma «escola Secundária» cuja estrutura, conseguisse

terminar com o sentido vincadamente selectivo attribuído ao «liceu», apesar da democratização de que tem sido impregnado o sistema escolar. O referido sentido selectivo tem sido a causa dos lamentáveis desperdícios que as estatísticas oficiais registam: — de cada 100 alunos que frequentam o último ano do «ensino Unificado», cerca de 79 ingressam na «escola Secundária», 45 terminam esse curso e somente 30 conseguem ingressar no grau universitário.

Após estas breves considerações sobre a frequência da «escola Secundária», penso oportuno passar aos objectivos deste ensino.

OBJECTIVOS DO ENSINO SECUNDÁRIO

Procura dotar o jovem com um certo nível de cultura geral, cultura essa que vale na medida em que torna o espírito receptivo a novos conhecimentos. Realmente o aluno não virá a ser apenas um especialista na sociedade, mas, mais do que isso, um indivíduo útil no futuro dessa mesma.

Importa mais no «ensino Secundário» o desenvolvimento harmónico da personalidade do aluno sob o ponto de vista físico, intelectual e mesmo estético do que a aquisição de uma grande soma de conhecimentos.

Quanto à formação, o «ensino Secundário» visa a aquisição pelo aluno de hábitos de trabalho, de reflexão, senso crítico, probidade intelectual, espírito de análise e de síntese. O aluno ao abandonar este grau de ensino deve possuir maleabilidade de espírito, que não só lhe forneça uma visão exacta da vida, como ainda lhe permita resolver com segurança os problemas que se lhe deparem, quer a si próprio quer aos seus semelhantes, tornando-se assim um cidadão útil.

Todavia, os objectivos referidos não são atingidos na sua maioria, porque o actual «ensino Secundário» permanece de certo modo tradicionalista.

a) Tradicionalismo neste grau de ensino

O «ensino Secundário» continua a sofrer, com um atraso de algumas dezenas de anos, influência das ideias, das concepções, da evolução científica e técnica, que convulsionaram a sociedade.

Mudaram os meios de produção, de comunicação, de diversão, criaram-se novos serviços, a técnica penetrou no lar e na cidade, os camponeses transferiram-se, com a industrialização, para os subúrbios dos núcleos urbanos, mas o «ensino Secundário» continuou a ignorar tudo isso. . .

Se perguntarmos a um aluno de rendimento médio se é capaz, pelo menos, de se pronunciar sobre os problemas actuais, quase nada ou nada sabe ele. Não leu os autores modernos, não discutiu os problemas sociais circunstantes, não aprendeu a ser cidadão no actual mundo, nada sabe realmente da moderna pesquisa científica, não aprendeu a apreciar arte, etc..

Não é pois de espantar ver os jovens espíritos, que deseja formar, procurarem franquear os altos muros que erigiu à sua volta. Este ensino cujos fins são culturais e mais longínquos, defende-se geralmente mal. Não é de admirar que grande número de alunos atinjam, após alguns meses, um ponto de saturação nefasta ao bom rendimento escolar.

Este ensino encontra-se fechado na sua «policultura», esmagado pelos seus programas, enervado pela preparação dos exames e concursos.

b) Ensino lívresco e enciclopédico

O que sufoca o «ensino Secundário» é a hipertrofia do intelectualismo. Tudo aí é sacrificado em proveito de uma acumulação, muitas vezes anárquica (aos olhos dos alunos, pelo menos) de conhecimentos lívrescos e enciclopédicos.

Referência sucinta a certas causas que considero responsáveis pela ineficácia deste ensino.

1^o — A preparação pedagógica e científica do professor

Entre nós a profissionalização dos docentes tem entrado em curva descendente, pois os diferentes estatutos para a profissionalização resultam de planos teóricos, sem viabilidade prática. Assim, os jovens in-

gressam na via profissionalizante mas, um elevado número de núcleos de formação pedagógica não possuem orientador, é de prever um declínio catastrófico do nível pedagógico do docente.

É impressionante pensar-se na ausência de preparação psico-pedagógica do docente. O educador, por vezes, esquece-se de que está diante de um adolescente com todos os seus problemas, e limita-se a «despejar» conhecimentos, esquecendo-se ou ignorando as características próprias da psicologia do jovem e os estudos que sobre ele se têm efectuado. Esses professores esquecem-se de que já foram jovens e ignoram o aluno.

Estamos longe do tempo em que um legislador Português conferia ao mestre, ou desejava dele, o papel de «árbitro dos destinos morais da Pátria». Hoje não se espera tanto. Mas, se há ainda a utopia de uma educação permanente em que 50⁰/o da população ensina, enquanto os restantes aprendem, os governos e o povo descubram que não têm professores para as grandes fainas da educação que o mundo contemporâneo reclama.

As novas fainas exigem um novo estilo de acção docente e de relação educativa. Esse novo corpo docente deve possuir profunda preparação científico-pedagógica.

A juventude alheia-se desta carreira, ou encara-a como ocupação provisória, enquanto espera por outras materialmente mais compensadoras.

Todavia, todo o diplomado que, por vocação ou por outros motivos, abraça a carreira do ensino, não apresenta apenas ausência de preparação no domínio pedagógico, mas sente-se ainda mais deficientemente apetrechado no domínio científico ou literário.

Acontece, porém, que, além da preparação pedagógica e académica insuficiente, frequentemente os docentes são obrigados a reger disciplinas para as quais não apresentam nem saber, nem interesse, nem vocação. Acontece que, frequentemente, são coagidos a assumir o encargo cumulativo de disciplinas da mais diversa especialização.

A função docente só passa a cativar a juventude se o professor passar a ser um elemento que catalize e anime os trabalhos escolares, que responda mais do que pergunte, que elucide a significação ética da experiência interpessoal e social vivida – sem autoritarismo, mas com a autoridade que lhe vem da competência técnica e científica, do empenho no ofício, da maturidade pessoal, da autenticidade gradualmente alcançada

2^o – Os programas

O formalismo dominante nas actividades escolares apresenta profundo contraste com as técnicas de comunicação usadas hoje em dia, nas relações sociais, no trabalho, etc. .

As alterações realizadas nos programas de Geografia, desde 1974, continuam a não responder aos objectivos da Geografia neste nível de ensino. Continuamos a ter programas inadaptados ao tempo lectivo, isto é, os responsáveis por esse estudo limitaram-se a copiar programas estrangeiros, esquecendo-se do aspecto fundamental – o seu enquadramento na estrutura geral do ensino em Portugal.

Sou de opinião que se deve realizar uma profunda remodelação dos programas de Geografia, não só a sua extensão se deve encontrar perfeitamente adaptada ao número de horas semanais, mas também o seu conteúdo deve conduzir o aluno não a aprender apenas a olhar oceanos, florestas, savanas, etc. com os olhos de poeta ou como lexicógrafo que baptiza todos os seres com o nome adequado, mas como futuro campo de actividade de onde fará brotar a riqueza, eliminando o pauperismo e dando aos seus semelhantes condições de vida compatíveis com o desenvolvimento técnico-científico do mundo contemporâneo.

3^o Causas diversas

A sobrecarga dos horários, o material didáctico insuficiente para as aulas muitas vezes superpovoadas, o estado péssimo de alguns estabelecimentos de ensino, são também responsáveis pela ineficácia deste ensino.

CONCLUSÃO

A função da «escola Secundária» é informar o jovem para uma futura formação. Todavia, as «escolas Superiores» cansam-se de deblaterar contra a ineficiência daquele ensino.

O actual ensino secundário continua a ser esforço sem motivação.

Nada ali tem objectivo claro, capaz de entusiasmar e orientar um jovem.

Para que a função da «escola Secundária» na estrutura geral do ensino seja atingida torna-se urgente:

1^o – Reformar profundamente a estrutura de todos os graus de ensino.

2^o – Alterar a híbrida composição de tradições clássicas e de enciclopedismo positivista, cuja incorporação pedagógica nunca pode, aliás, garantir a formação humanística e científica dos alunos; deve este grau de ensino, indubitavelmente, renunciar à quimera intelectualista e ininteligente de uma «cultura geral» alheia à diversidade dos espíritos e do carácter integral da pessoa, e orientar-se com decisão, por intenções formativas, que sempre deverão prevalecer, mormente em épocas de tão vertiginosa mobilidade como a nossa.

3^o – Torna-se indispensável que, não só os docentes universitários organizem os programas de modo a satisfazer as futuras necessidades daqueles que hão-de exercer o magistério secundário, mas também se crie, nas Faculdades de Letras, a licenciatura no RAMO PEDAGÓGICO.